



A Telenovela como Narrativa da Nação Notas para uma experiência metodológica em comunidade virtual¹

Maria Immacolata Vassallo de LOPES²
Denise de Oliveira FREIRE³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO: O presente texto retoma a *questão da revisão da identidade nacional no cenário globalizado* adotando duas perspectivas: a teórica, através da temática das “narrativas da nação”, explorada por Anderson, Appadurai, Bhabha, Bauman, e outros (Lopes, 2006) e a epistemológico-metodológica na temática das “comunidades virtuais” formadas pelos movimentos migratórios contemporâneos. Propõe-se que essas duas perspectivas confluem numa experiência metodológica de investigação empírica que estamos iniciando, qual seja, a recepção da telenovela brasileira num espaço particular e inédito: a comunidade virtual de brasileiros em Portugal. Trata-se, portanto, de uma exploração metodológica no espaço virtual com suas implicações epistemológicas para a pesquisa em geral e da Comunicação em particular.

PALAVRAS-CHAVE: metodologia do virtual, telenovela, narrativas da nação, comunidade virtual.

1. Pontos de continuação, novos pontos de partida

A ficção televisiva, notadamente seu formato central, a telenovela⁴, vem se consolidando como objeto de estudo importante no campo da Comunicação no Brasil⁵. Seus múltiplos aspectos têm sido enfocados, não raramente, através de esquemas teórico-metodológicos originais e úteis ao avanço do conhecimento desse objeto. Hoje, os estudos brasileiros de ficção televisiva granjearam reconhecimento internacional e perfilam-se aos trabalhos de ponta sobre o tema. Entretanto, uma característica desses estudos foi se reforçando no tempo e gerando, por assim dizer, um paradigma de pesquisa que tem privilegiado a abordagem semiótica e dos efeitos (menos da recepção) das narrativas televisivas, majoritariamente em estudos de caso, pulverizando e dificultando a generalização dos seus resultados. Além do descaso com as condições de produção (dispositivos econômicos, tecnológicos, de gestão) dessa que é a principal indústria cultural do país, interessa-nos aqui ressaltar nessa pesquisa a ausência “de fundamentos empíricos para a interpretação macrossocial”.

Em função desse quadro, resolvemos redirecionar progressivamente nossos estudos sobre a ficção televisiva para a questão das representações e da construção das identidades culturais,

¹ Trabalho apresentado na NP Ficção Seriada, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e-mail: immaco@usp.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP), e-mail: denise-freire@hotmail.com

⁴ A ficção televisiva é um gênero dentro da televisão, sendo a telenovela um de seus formatos. Outros formatos ficcionais são a minissérie, a série, o chamado “caso especial”, a “soap opera”, a microssérie.

⁵ Apesar da tardia legitimação acadêmica, de 1980 a 2005, a média de teses e dissertações sobre teledramaturgia defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação no país tem sido de 5 títulos por ano (1980 a 2005) e, desde o ano de 2000, vem se observando um aumento acentuado no tema, chegando à média de 15 títulos por ano. Fonte: NPTN – Núcleo de Pesquisa de Telenovela da ECA-USP.



especificamente, da identidade nacional e da interculturalidade. São questões-chave para a pesquisa de Comunicação no mundo contemporâneo globalizado que exigem sérias revisões conceituais e metodológicas. Essa preocupação com o estado da pesquisa da ficção televisiva também levou-nos a criar o OBITEL⁶, com o objetivo de construir e comparar dados sobre a produção e a recepção, em nova chave, internacional e intercultural.

Dentre os aspectos que têm diferenciado a produção teleficcional brasileira dentro do conjunto dos países do OBITEL, talvez o principal seja o fato da telenovela brasileira, ao longo de seus 45 anos de encontro diário com o público, ter se tornado uma *narrativa da nação*. Consideramos essa hipótese⁷ como sendo heurística em vista da longa e profunda construção discursivo-cultural do país como “comunidade imaginada” em que a telenovela se tornou. Para testar empiricamente essa assunção teórica, estamos em vias de iniciar um *estudo de recepção virtual* de telenovelas junto a comunidades de brasileiros que vivem no exterior. A expectativa é que os estudos brasileiros de recepção ganhem em inovação teórica e metodológica uma vez que acreditamos ser esse estudo inédito. Ele pretende explorar como a “nação narrada” através das telenovelas brasileiras é recebida e sentida por brasileiros que vivem no exterior. O estudo será feito dentro de comunidades virtuais criadas por brasileiros fora do país e que, segundo nossa observação, funcionam como espaços de encontro e de socialização de experiências.

A narrativa ficcional televisiva aparece como um valor estratégico na criação e consolidação de novas identidades culturais compartilhadas, configurando-se como uma *narrativa da nação*. Partimos da constituição da *identidade étnica do gênero ficcional televisivo* ou, em outros termos, do seu processo de *indigenização* (Appadurai, 1990), em razão da grande audiência, preferência e repercussão da teleficção nacional dentro do contexto televisivo do país. Dessa premissa deriva a hipótese sobre o caráter nacional da teleficção, ou seja, a sua constituição como *gênero nacional*. O monitoramento feito pelo OBITEL⁸ reafirmou no espaço ibero-americano a ocorrência desse fenômeno. Isso se deu, por um lado, através de uma particular apropriação ou *indigenização* da ficção televisiva dentro da tradição cultural de outros meios em cada país (rádio, cinema, teatro,

⁶ O OBITEL – Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva – é uma rede de pesquisa internacional constituída por 9 grupos nacionais de pesquisa, reunidos por um protocolo metodológico unificado para o monitoramento anual da produção de ficção televisiva em cada país, objetivando uma análise comparativa dessa produção no espaço ibero-americano. Ao mesmo tempo, cada grupo nacional, no nosso caso, o Obitel-Brasil, deve aprofundar os elementos específicos da teleficção de seu país. Os integrantes atuais são: Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Brasil (coordenadora geral); Guillermo Orozco Gómez, México (coordenador adjunto); Lorenzo Vilches, Espanha; Omar Rincón, Colômbia; Valerio Fuenzalida, Chile; Nora Mazziotti, Argentina; Gerardo Arias, Peru; Tomás Lopez-Pumarejo, Estados Unidos; Isabel Ferin Cunha, Portugal.

Os primeiros resultados desse trabalho podem ser verificados no Anuário OBITEL 2007, publicado pela Editora Gedisa (2007), e no Anuário OBITEL 2008, publicado pela Editora Globo (2008).

⁷ De fato, essa hipótese sempre esteve presente ao longo de nossas pesquisas sobre a telenovela (Lopes, 2002, 2003 e 2004), porém mesclada com outras argumentações. Trata-se agora de tomá-la como foco específico de estudo.

⁸ O Anuário OBITEL 2008 reafirma os dados apresentados no Anuário OBITEL 2007, mostrando que é a ficção nacional de estréia que ocupa a liderança na faixa do horário nobre nesses países. A partir do monitoramento comparativo dos programas ficcionais exibidos em TV aberta nos 9 países no ano de 2007, verifica-se que 72% da programação dessa faixa é ocupada por produção própria, que é de 5695h/anuais. Brasil e México aparecem em primeiro lugar 2127h/anuais, seguidos por Portugal, com 642h.



música), o que tornou a teleficção um denso território de redefinições culturais identitárias. Por outro lado, o desenvolvimento da capacidade produtiva das televisões nacionais passa a expressar-se pela sua maior ou menor capacidade de deslocar as séries importadas norte-americanas do horário nobre e mesmo de disputar a preferência com outros gêneros produzidos domesticamente⁹. Aí estão as origens do que chamamos de *contrato de recepção* e da constituição de um *repertório simbólico compartilhado*¹⁰. A ficção passa a ser um lugar privilegiado onde se narra a nação, *nação representada, nação imaginada* (Anderson, 1983), *nação disseminada* (Bhabha, 1997, 2001).

2. Nações imaginadas e meios de comunicação

Ao tomarmos a globalização como novo paradigma histórico e epistemológico das Ciências Sociais (Ianni, 1994), os resultados deste novo tipo de entendimento são visíveis na revisão de conceitos importantes, como os de cultura e nação. Entra em descrédito a idéia de que a cultura de determinado grupamento étnico possa ser traçada a partir do exame de categorias bem definidas capazes de dar conta da lógica coesa de um “discurso simbólico coletivo”. Em oposição a este entendimento, a cultura passa a ser analisada como processo dinâmico, conjunto de jogos e possibilidades realizados em determinados contextos, necessariamente específicos e conectados às inúmeras mudanças sociais que têm lugar em grupos híbridos. Também o conceito de nação passa por uma clivagem crítica, que leva à desconsideração de seu entendimento como narrativa coesa acerca dos caracteres essenciais de determinado grupamento social.

Dentre os autores cujas contribuições pretendemos aprofundar, cabe destacar os nomes de Anderson (1983), Gellner (1983), Smith (1999), Bhabha (1990), Bauman (1999), Appadurai (1990), Straubhaar (2007) que se impuseram como autores de referência quando se trata de abordar questões sobre identidade nacional ou cultura nacional. Em geral, estes autores consideram que só a partir de uma análise da nação como artefato cultural, portanto, como *representação*, será possível conceituar a identidade nacional e explicar a sua relevância nas sociedades contemporâneas, especialmente nos domínios cultural, social e político.

O cerne dos argumentos sustentados por esses autores é o de que o estabelecimento de um sentimento de cultura partilhada entre os membros da nação – a identidade nacional – depende,

⁹ O critério definidor da *capacidade produtiva* da indústria televisiva nacional é o volume horário de oferta de programas de ficção, inéditos e exibidos em TV aberta. Com base neste critério, o monitoramento realizado pelo OBITEL em 2007 permitiu distinguir três categorias de produtores: 1) os *grandes produtores*, Brasil e Portugal, caracterizados por uma oferta de, respectivamente, 1720 e 1348 horas anuais. Os dois países produzem juntos 32% da ficção televisiva nacional de todo o universo OBITEL e 30% do *prime time*; 2) os *médios produtores*, México, Estados Unidos e Argentina, definidos por uma oferta variável entre 1195 e 1144 horas anuais, respondem por 36% de toda produção nacional, sendo que 35% das horas são exibidas no *prime time*; e 3) os *pequenos produtores*, Chile, Espanha e Colômbia, com uma produção oscilando entre 1071 e 986 horas anuais, equivalente a 32% de toda ficção, com presença de 35% no *prime time*. Em seu conjunto, esses dados parecem refletir uma grande capacidade televisiva regional, da América Latina, na produção do gênero que mais a promove internacionalmente – a telenovela. Ainda, temos a comprovação da hipótese do deslocamento da produção importada para a faixa *off prime-time* na medida em que os países latino-americanos foram nacionalizando a ficção de seu horário nobre através da telenovela. Sabemos que as implicações desse fenômeno transcendem o plano econômico para ganhar um significado propriamente cultural e comunicacional de extraordinária importância para esses países. Fonte: *Anuário OBITEL 2008*.

¹⁰ Elaboramos esses conceitos numa pesquisa sobre recepção de telenovela (Lopes et al, 2002).



sobretudo, do reconhecimento de um *passado comum* (que pode ser o de uma etnia dominante) sustentado por *tradições inventadas ou reapropriadas* (Gellner, 1983), *mitos fundadores da nação*, *lendas de tradição oral* (Smith, 1999), versões oficiais da história da nação etc., no espaço geograficamente delimitado do Estado-nação. Os pensadores que integram esta linha de pensamento, socorrendo-se de fatos da história de nações concretas, procederam a um enquadramento histórico do fenômeno do nacionalismo e das condições do aparecimento do Estado-nação que permitiu esclarecer a gênese, a permanência e o alcance da *identidade nacional como forma de identidade coletiva típica da modernidade, em que a nação é percebida como um constructo cultural* que emergiu de mudanças sociais e políticas associadas a fenômenos como a burocracia, a secularização, a industrialização e a comunicação de massas no contexto da época moderna.

Assim, o advento dos *meios de comunicação de massa* – imprensa, livro – constituiu um aspecto fundamental para a compreensão do contexto em que as pessoas começaram a imaginar a comunidade a que pertencem como “nação”. De interesse fundamental para os propósitos deste projeto é a assunção de Anderson de que as nações e o nacionalismo, como artefatos culturais, são, sobretudo, o resultado espontâneo da interação entre a diversidade das línguas humanas e o surgimento da imprensa de massas no contexto do capitalismo, por isso mesmo chamado por ele de *print-capitalism*. O autor sublinha que, inicialmente, o estabelecimento de línguas vernáculas como “línguas de poder” ocorreu graças às possibilidades da imprensa escrita (*print-languages*) tendo sido fruto de processos largamente inconscientes resultantes da interação entre o capitalismo, a tecnologia e a diversidade das línguas humanas (Anderson, 1983).

Portanto, resulta importante destacar ter sido o aparecimento das novas tecnologias de comunicação – a imprensa diária e a produção literária de massas – que, no contexto de uma economia capitalista, tornou possível *imaginar* a nação.

A questão a levantar deverá ser antes a de saber por que é que narrativas que conferem um significado à nação (filmes, romances, canções, lendas de tradição oral, versões oficiais da história da nação etc.) provocam sentimentos de pertencimento à nação no processo de divulgação e reprodução do que se pode entender por “cultura nacional”. Em outras palavras, o problema que se nos coloca é o de perceber porque as narrativas da nação são suscetíveis de esclarecer o apelo irresistível e mundialmente generalizado à identificação com a nação.

Bhabba (1990), por seu turno, insiste na manipulação ideológica subjacente às “comunidades imaginadas” de Anderson. As contra-narrativas da nação que continuamente evocam e apagam as fronteiras totalizantes desta última – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais se atribuem identidades essencialistas às “comunidades imaginadas”.



A defesa das minorias culturais existentes no interior do Estado-nação tem animado grande parte da discussão em torno da impossibilidade da afirmação de uma cultura nacional homogênea. Assunções desta natureza estão igualmente implicadas nos modos em que as chamadas “políticas de identidade” vieram a ser entendidas pelos autores que integram esta tendência do pensamento face à identidade nacional. O princípio por estes sustentado quanto às “políticas de identidade” é a da promoção das diferenças e não da “supressão das diferenças” mobilizadas pelo Estado-nação. Subjacente a semelhante princípio, encontra-se a concepção relacional do conceito de identidade (Hall, 1996; Mouffe, 1994), que, sob a influência determinante de teóricos franceses da alteridade (Deleuze, Derrida, Kristeva, Foucault etc.), vem reclamar que as identidades constroem-se, não fora, mas através da diferença (Hall, 1996). Uma tal asserção implica o reconhecimento de que só através da relação com o outro, da relação com o que não se é, que é precisamente o que está em falta, as identidades podem ser construídas.

Bauman (1990) sublinha ainda que o que separa a uniformidade inerente à idéia de nação da heterogeneidade das formas culturais dentro do Estado-nação sob uma administração estatal unificada se constitui, então, como um desafio e um problema, ao qual os Estados nacionais responderam com cruzadas culturais destinadas à destruição dos mecanismos autônomos de reprodução de unidade cultural. A era em que os Estados-nação se formaram caracterizou-se pela intolerância cultural.

Esta corrente procede assim à desconstrução das identidades essencialistas em jogo nas políticas de identidade acionadas tanto pelo Estado-nação como pelas minorias culturais que lutam por reconhecimento no seu seio, no intuito de demonstrar como as fronteiras que separam o 'nós' do 'eles' são ideologicamente construídas e negociadas. Semelhantes abordagens procuram assim demonstrar como é que as identidades essencialistas são engendradas de modo a servir as reivindicações de variados grupos (políticos, étnicos, sexuais, artísticos, religiosos etc.) num contexto em que se assiste à explosão dos particularismos (Mouffe, 1994).

Hall (1996), por exemplo, chama atenção para o fato de as identidades parecerem invocar a sua origem num dado passado histórico, ao qual se continuam, aliás, a referir, quando, de fato, falar de identidades é falar do uso de recursos da história, da linguagem e da cultura no processo em que nos “constituímos como seres (*becoming*) e não no processo em que existimos como seres (*being*)”. Não interessa tanto o “quem nós somos” ou “de onde vivemos”, como “aquilo em que nos poderemos tornar” ou “como é que temos sido representados” e como é que isto pode influenciar “os modos em que nos poderemos vir a representar”. Hall (1996) está, sobretudo, preocupado com o fato de as identidades emergirem da afirmação de modalidades específicas de poder, apresentando-se,



sobretudo, como o produto da demarcação da diferença e exclusão, e não como o signo de identidades primordiais, portanto, essencialistas.

Na ótica de Mouffe, a identidade não pode pertencer a uma única pessoa e ninguém, de fato, tem uma única identidade. Em última análise, não existem identidades “naturais” ou “originais” uma vez que toda e qualquer identidade é o resultado de um processo de permanente hibridização e nomadização.

Recorrendo à terminologia de Bhabha, podemos dizer que as estratégias narrativas implicadas nestes discursos possuem um valor *performativo* que contesta a autoridade tradicional desses objetos nacionais de conhecimento. Tradição, Povo, Razão de Estado, Alta-Cultura, entre outros – cujo valor *pedagógico* assenta, freqüentemente, na sua representação como conceitos holísticos de uma narrativa de continuidade histórica da nação. A estratégia narrativa do performativo vem curtocircuitar a estratégia continuista e acumulativa do pedagógico através da qual a nação se representa como um todo contínuo e homogêneo, e que se exerce através do ensino e da produção de histórias, mitos e outras lendas coletivas (Bhabha, 1990, 2001).

Neste contexto, tanto histórico quanto analítico, a televisão nacional parece adquirir consciência de seu papel crucial juntamente à de sua própria fragilidade. Numa síntese extrema, podemos pensar o novo papel da televisão segundo pelo menos quatro modalidades complementares, que podemos definir como tematização, ritualização, pertencimento e participação.

O primeiro nível contém seja os elementos mais ostensivos, referenciais e descritivos relativos, sobretudo à dimensão do mostrar e do documentar, seja os elementos mais interpretativos, relativos à dimensão do narrar e do comentar. Estas duas dimensões, ditas “locutivas” e “ilocutivas” da comunicação, são inseparáveis e constituem o nível da *tematização*. Aqui, a ficção na televisão emerge como o gênero por excelência através do qual a identidade nacional é representada, e em nossa pesquisa em andamento estamos trabalhando esse nível através de *indicadores culturais* (tempo, lugar, contexto, protagonistas, temas).

O segundo nível é relativo à *ritualização* da relação com o meio e diz respeito à capacidade da televisão de sincronizar os tempos sociais da nação, construindo um ritmo próprio interno que mimetiza o dos espectadores ou de criar grandes rituais coletivos, seja documentando fenômenos ocorridos (catástrofes, acidentes, mortes), seja produzindo eventos (festivais, concertos), seja organizando *media events* (funerais, escândalos, casamentos).

Acresce ainda a capacidade da televisão de conectar dimensões temporais de presente, passado e futuro, por meio da comemoração e da construção de uma memória coletiva e por meio da antecipação e da construção de expectativas a respeito de eventos ou âmbitos específicos (a ciência,



a técnica, a política). Este é o nível que provoca, mesmo que de forma elementar, um sentido de *pertencimento*.

E, finalmente, a televisão pode contribuir para a identidade nacional, não porque narra conteúdos, nem porque constrói tempos sociais ou cria sentidos de pertencimento, mas porque dá espaço para representações, constituindo um *fórum eletrônico* (Newcomb, 1999) no qual as diversas partes sociais podem ter acesso ou ser representada, e no qual, ao menos potencialmente, exprime-se a sociedade civil. Neste autor encontramos a sugestiva definição da natureza eminentemente “coral” da ficção televisiva, remetendo ao antigo teatro grego onde *o coro expressa as idéias e emoções do grupo... a atenção do coro está focada nas respostas convencionais, largamente compartilhadas, que se apropriam dos conceitos socialmente aprovados* (1999: 38).

3. Epistemologia, metodologias e conceitos em revisão: novos espaços, novas comunidades

Retomamos a questão da revisão da identidade nacional no cenário globalizado, na linha explorada por Anderson, Appadurai, Bhabha, Hall, Bauman, principalmente (Lopes, 2006). Nesses autores, a ênfase recai sobre os movimentos de diversidade cultural e de interculturalidade, produzidos pela multiplicação das diferenças e das desigualdades no contexto contemporâneo cada vez mais definido por um aumento extraordinário de contatos – de pessoas, bens, idéias, significados, e também por um dinâmico movimento de cidadania internacional e de democratização de sistemas políticos (Leste Europeu, China). Entre os fenômenos-chave para entender esta problemática estão a expansão das tecnologias de comunicação e a intensificação das migrações internacionais. Por isso, nosso empenho em reavaliar o conceito de *comunidade imaginada* de Benedict Anderson e aproximá-lo da hipótese da *narrativa [televisiva] da nação* produzida pela telenovela brasileira no panorama cultural globalizado em que vivemos¹¹. Esta é, em síntese, a perspectiva comunicacional e cultural que adotamos. Em termos metodológicos, cremos ser inédita a proposta de fazermos uma pesquisa de recepção da telenovela como *comunidade imaginada* em *weblogs* mantidos por brasileiros no exterior.

A telenovela, através das peculiaridades de sua construção narrativa e atuando na construção do imaginário coletivo, cria, recria, modifica, difunde aspectos da identidade cultural, em formas estereotipadas ou não. Elegemos, então, como objeto empírico de estudo comunidades virtuais de brasileiros residentes fora do Brasil, mais especificamente em Portugal, enquanto receptoras das telenovelas brasileiras, para observar onde e como este formato de ficção seriada está presente e como ele atua no imaginário de brasileiros residentes no exterior. No decorrer da pesquisa, também buscaremos identificar que tipo de relação essas comunidades mantêm com a telenovela e como

¹¹ Fala-se muito da singularidade da telenovela brasileira como se fosse um pressuposto indiscutível. Porém, não existia, até agora, pesquisa de natureza internacional e comparada como a que vem desenvolvendo o Obitel, para fundamentar essa especificidade *vis a vis* um conjunto de dados empíricos sobre a ficção televisiva de diversas nacionalidades.



está sendo feita a interpretação e a construção de novos significados sociais desse produto cultural no ciberespaço.

A definição do objeto empírico do presente estudo por imigrantes brasileiros residentes em Portugal fundamenta-se no conceito de *proximidade cultural* desenvolvido por Straubhaar (2004). Esse autor afirma que a circulação de alguns tipos de programas, como telenovelas e programas de variedades, ocorre, primeiramente, entre *países com uma “região” definida pela linguagem e cultura*, chamada por ele de *mercados lingüístico-culturais ou geoculturais*, que podem tanto estar centrados numa região geográfica quanto espalhados globalmente por processos de colonização, escravidão ou migração. Ao desmembrar o global e o local em dez diferentes níveis que caracterizam o mundo TV no momento atual, são citados os *espaços e mercados cultural-lingüísticos transnacionais espalhados pelo mundo por antigos sistemas coloniais*, como é o caso dos países lusófonos, que compartilham vínculos culturais, históricos e lingüísticos, somados à diáspora de migrantes que pagam para assistir os canais de sua terra natal (2007:182-183). No caso da internacionalização da telenovela brasileira nos países lusófonos, o formato não enfrenta barreiras impostas pela língua e pela cultura, diferentemente do compartilhamento audiovisual resultante de tratados que dão origem a mercados regionais, como o Mercosul, o Nafta ou a União Européia. Por isso, *gêneros como a telenovela tendem a ser partilhados entre culturas similares* (Straubhaar, 2004:91).

3.1. Comunidades virtuais e novas formas de identidade nacional

Os avanços nas tecnologias de telecomunicações, particularmente satélites, e na comunicação mediada por computador, criaram uma transição dos tradicionais meios massivos para uma forma que possivelmente predominará na atual era pós-industrial, os chamados *targeted media*, ou *meios dirigidos (addressable media)*, caracterizados por públicos especializados e mais homogêneos e que podem servir como um cenário para novas formas de identidades comunitárias. Um dos mais promissores tipos de comunidades é a *comunidade nacional virtual* e, para nós, o seu estudo implica em problematizar como a “nação” penetrou esse novo espaço social virtual que é a internet e responder a questões como: a telenovela é apropriada como narrativa da nação por comunidades de brasileiros que vivem no exterior, enquanto comunidades virtuais? A telenovela brasileira por eles assistida pode ser um fator de mediação na construção de uma nova identidade nacional (a “nação disseminada” de Bhabha)? Como a telenovela brasileira e a identidade nacional estão sendo ressignificadas no ciberespaço? Que tipo de relação as comunidades virtuais mantêm com os temas tratados na telenovela e com a identidade nacional? Como os brasileiros residentes fora do país estão interpretando e reconfigurando os significados sociais construídos a partir da recepção da telenovela no ciberespaço?

Um passo final no processo de construção da nação, de acordo com Anderson, foi que a impressão

em larga escala de dialetos lingüísticos permitiu aos leitores “imaginar” os outros que estavam lendo a mesma literatura. Estas “comunidades imaginadas” lingüisticamente homogêneas serviram como base para o desenvolvimento da nação moderna. É possível que os novos *targeted media*, como a internet, possam facilitar novos modos de “imaginar” a nação, isto é, desterritorializada, tanto quanto o “capitalismo impresso” o fez nos séculos passados? Se olharmos para o rápido desenvolvimento conceitual das “ciberculturas”¹², acreditamos que esta perspectiva deva ser encarada seriamente. Outro aspecto é que as comunidades étnicas que estavam até há pouco tempo geograficamente dispersas, agora podem se tornar “comunidades étnicas virtuais” concentradas (Elkins, 1997).

A fim de explorar metodologicamente essa perspectiva, já identificamos uma bibliografia razoavelmente extensa sobre comunidades virtuais¹³. O que ela traz claramente é a necessidade de revisar conceitos e procedimentos metodológicos, uma vez que a pesquisa no espaço virtual traz novos desafios à metodologia em geral, e da Comunicação, em especial, em função da emergência das novas formas de interação social mediadas por computador. E, finalmente, a questão de fundo que se coloca para a pesquisa de Comunicação é a compreensão do conceito de virtual e do fenômeno da virtualidade na sociedade contemporânea¹⁴.

Seguindo Lévy (1999: 47-75) a concepção de virtualidade, admite, no mínimo, três sentidos: um sentido técnico, ligado à informática, um segundo de uso corrente e de senso comum, e um terceiro, filosófico. Na acepção filosófica, virtual é *o que existe em potência e não em ato*. Neste sentido, Lévy reconhece ser o virtual uma dimensão muito importante da realidade. O segundo significado, corrente, pode ser associado à irrealidade, em oposição a uma realidade que supõe uma presença tangível (o que também pode ser questionado). A *realidade virtual* fascina porque, ao mesmo tempo, reúne a tecnologia, o intangível e o potencial, que se manifestam na experiência de imersão. Portanto, podemos identificar nesse autor a *virtualidade* como uma qualidade de entidade que denota seu grau de extrapolação do concreto, ou grau de rompimento com as formas tradicionais de ser e acontecer, sendo usualmente associada à tecnologia. E o *virtual*, como dimensão do real mediado ou potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos (1996).

4. Pesquisa Virtual em Comunicação

¹² Howard Rheingold (1993) argumenta que “comunidades virtuais” podem ser tão importantes para os membros da comunidade quanto as comunidades reais.

¹³ Não é aqui o lugar de listar essa bibliografia (ver Papadakis, 2004) e outras, mas apenas indicar que, dentro do estado da arte das pesquisas sobre comunidades virtuais, estamos interessados especificamente nas comunidades nacionais que vivem no estrangeiro. Sobre metodologias de pesquisa nessas comunidades nacionais virtuais, as referências praticamente inexistem. Também não temos conhecimento de trabalhos sobre esse tema realizados no Brasil.

¹⁴ O propósito deste texto não é fazer a discussão da cartografia semântica do virtual. Há uma abundante bibliografia ensaística, nacional e estrangeira, sendo Pierre Lévy o autor básico de referência de nossa pesquisa.

Queremos utilizar a nossa experiência desenvolvida com os estudos de telenovela, particularmente um estudo de recepção em que desenvolvemos um protocolo metodológico de multi-métodos (Lopes et al, 2002). Dele destacamos o método etnográfico, o grupo de discussão e a entrevista. Trata-se de explorar esses métodos para sua adaptação on-line em função de sua capacidade de contextualizar os processos de recepção para extrair conclusões sobre as práticas comunicacionais e culturais dos públicos.

Esses desafios podem ser percebidos pelas transformações que a internet, como novo fenômeno de comunicação híbrida baseada na troca e combinação das unidades básicas E-C-M-R¹⁵, trouxe para o campo da pesquisa. É possível resumir essas transformações nos seguintes princípios para a *pesquisa virtual*¹⁶:

- 1) a pesquisa virtual supõe problematizar o uso da internet como objeto inserido na vida das pessoas e como lugar de estabelecimento de comunidades;
- 2) os meios interativos, como a internet, devem ser entendidos simultaneamente como cultura e como artefato cultural;
- 3) pensar esta pesquisa da interação mediada como fluida, dinâmica e móvel;
- 4) reconsiderar a noção de campo de estudo para não centrar os fluxos e conexões em nenhum lugar localizado ou limitado;
- 5) o desafio da pesquisa virtual está em examinar como se configuram os limites e as conexões entre o “virtual” e o “real”;
- 6) devido ao deslocamento temporal, a imersão no contexto se dá de forma intermitente;
- 7) a pesquisa virtual é parcial, não totalizante;
- 8) a reflexividade metodológica outorga protagonismo à relação entre o pesquisador e a tecnologia;
- 9) validade de todas as formas de interação mediadas pela tecnologia para constituir o objeto de estudo;
- 10) adaptabilidade permanente aos objetivos da pesquisa.

A tendência ao deslocamento ou à dissolução do espaço objeto de estudo é o que passa a ser demonstrado pelos trabalhos etnográficos na internet, a partir da segunda metade dos anos 1990, com conseqüências para os desenhos metodológicos dos trabalhos de campo e da coleta de dados. As conseqüências desse deslocamento respondem a estratégias extensivistas pelas quais se amplia o número de casos a observar e se reduz a profundidade com que se trata cada caso.

O papel do investigador, por outro lado, permite fazer entrevistas em profundidade, possibilita a entrada em espaços e reuniões e pode registrar os dados de forma aberta, pública e com procedimentos mais sistemáticos.

¹⁵ Conforme o modelo clássico de Lasswell, as unidades básicas da comunicação são: emissor, canal, mensagem e receptor.

¹⁶ Tomamos como fonte principalmente Hine (2004), adaptando suas considerações sobre a etnografia virtual.

Também as interações informais entre os participantes do grupo são especialmente interessantes de serem observadas porque estão carregadas de conhecimento que é a base sobre o qual se constrói a cultura de uma comunidade.

As interações entre o observador e os participantes permitem que o pesquisador participe, observe e pergunte, na forma dupla de colóquio informal e de entrevista formal. O trabalho de campo virtual, sem uma localização concreta, deve adaptar ferramentas e as interações do investigador com os informantes são uma fonte de dados central do trabalho. A substituição do espaço físico pelo virtual pode acrescentar mais valor às interpretações dos atores com as quais se possam entender os espaços de significados que constroem.

Para Hine (2005), o espaço virtual se torna um meio rico para a comunicação com o aumento do número de usuários e, conseqüentemente, é tomado como um lugar privilegiado para a pesquisa nas áreas humanas. De acordo com essa autora, duas fases caracterizam a pesquisa social em comunicação mediada por computador (CMC): uma primeira, a utilização de abordagem psicológica dependendo de métodos experimentais para compreender o potencial da conversa mediada por computador. A segunda fase da pesquisa em CMC corresponde à crescente aplicação de abordagens naturalísticas para o fenômeno on-line e a subsequente requisição da Internet como um contexto cultural.

Ao pensar a etnografia como uma técnica que deve dar conta de uma performance de comunidade, a autora tece as seguintes considerações:

Nós podemos sugerir, então, que uma mudança metodológica, a exigência do contexto on-line como um site de campo etnográfico foi crucial no estabelecimento do status das comunicações de Internet como cultura. Enquanto experimentos psicológicos demonstraram sua opacidade, métodos etnográficos foram capazes de demonstrar sua riqueza cultural. É possível ir mais longe e sugerir que nosso conhecimento da Internet como um contexto cultural está intrinsecamente ligado com a aplicação da etnografia. O método e o fenômeno definem o outro em um relacionamento de mútua dependência. O contexto on-line é definido como um contexto cultural pela demonstração de que a etnografia pode ser aplicada a ele. Se nós podemos estar confiantes de que a etnografia pode ser aplicada com sucesso em contextos on-line então nós podemos ficar seguros de que estes são, realmente, contextos culturais, uma vez que a etnografia é um método para entender a cultura (Hine, 2005, p.8).

Fato inerente a esse interesse crescente é que a Internet significa um contexto cultural e um artefato cultural ao mesmo tempo. No mesmo sentido, Schneider e Foot (2005) complementam que a *web* pode ser vista como um cenário de estruturas que suportam a ação on-line, comportando uma miríade de dimensões sociais, culturais e políticas. Quanto a questões metodológicas, os autores indicam que a natureza multi-nivelada e hiperlinkada da *web* faz com que a identificação e a demarcação de unidades de análise nesse ambiente sejam tarefas críticas e necessárias. Nesses termos, os autores interpretam que há uma natureza de co-produção da *web* nas ações on-line, que podem ser exploradas examinando-se objetos da *web*, como textos, matérias, *sites* e *links* para



outros *sites*, ainda que a pesquisa deva combinar esses dados com dados *offline* (entrevistas pessoais, entrevistas de grupo, telefonemas etc.).

O conceito de esfera da *web* de Schneider e Foot traz considerações importantes quanto à delimitação da *web* como objeto de estudo.

Nós conceituamos esfera da *web* não simplesmente como uma coleção de *websites*, mas como um conjunto de recursos digitais dinamicamente definidos estendendo-se sobre múltiplos *sites* da *web* considerados relevantes ou relacionados a um evento central, conceito ou tema, e seguidamente conectado por hiperlinks. As fronteiras de uma esfera da *web* estão delimitadas por uma orientação de tema compartilhado e de uma estrutura temporal (Schneider e Foot, 2005, p. 158).

Hine (2005) ainda aponta que quando falamos em metodologia, estamos implicitamente falando sobre nossa identidade e os padrões segundo os quais nós desejamos que nosso trabalho seja julgado. Na mesma direção, ela destaca que as novas tecnologias tornam a questão mais interessante, fazendo-nos interrogar sobre nosso entendimento e compromisso metodológico.

Queremos destacar, finalmente, que este tipo de mudança configura uma lógica bem definida em que a abordagem de novos objetos de estudo levam a uma série de mudanças metodológicas, reforçando mais uma vez que é o método que é colocado a serviço dos objetos e não o contrário.

Espaços de convivência de internautas que possuem algo em comum, as comunidades virtuais atuam como produtoras de vínculos comunicacionais e sociais entre os usuários, podendo servir de ponte para o nascimento de novos relacionamentos, além de participarem da composição da identidade virtual do sujeito. Num levantamento preliminar no site de relacionamentos com maior adesão de usuários brasileiros, o orkut¹⁷, tentamos quantificar o número de comunidades relacionadas aos brasileiros residentes em Portugal existentes no *website*. Para tanto, digitamos no campo de busca as palavras *brasileiros* e *Portugal*, encontrando 67 comunidades. Em seguida, visitamos cada uma dessas comunidades explorando seus fóruns, onde buscamos encontrar discussões relacionadas à telenovela a partir da busca com a palavra *novela*. O procedimento se mostrou insatisfatório, já que muitas destas comunidades eram compostas por um número reduzido de membros ou não apresentavam em seus fóruns discussões sobre telenovela. Optamos, então, por explorar também as comunidades relacionadas às comunidades mais numerosas encontradas na primeira busca. Apresentamos aqui, neste primeiro levantamento¹⁸, um recorte de cinco comunidades, listadas a seguir: **Portugal**¹⁹ (42.449 membros), **Portugal**²⁰ (22.924 membros),

¹⁷ Desde 2004, ano de sua criação, o Brasil lidera o *ranking* de usuários do orkut, com 53,97% do total de usuários cadastrados, seguido pela Índia (16,98%) e Estados Unidos (15,10%). A presença quantitativa dos brasileiros na comunidade virtual influenciou a própria configuração do *website*, que passou a disponibilizar seu conteúdo em português, a segunda língua após o inglês. Fonte: www.orkut.com

¹⁸ Realizado no dia 29 de junho de 2008.

¹⁹ <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=427149>

²⁰ <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=1194>



*Brasileiros em Portugal*²¹ (20.684 membros), *Conexão Brasil-Portugal*²² (16.397) e *Comunidade Brasil em Portugal*²³ (3.600).

Nos fóruns, a busca com as palavras-chave *novela* e *novelas* conduziu-nos a inúmeros resultados, como, por exemplo, a influência das telenovelas brasileiras no linguajar do povo português descrita por um cidadão lusitano: *Se o nosso mercado televisivo é permeável aos produtos brasileiros, é normal que as pessoas comecem a falar com sotaque brasileiro. Quem anda na rua, que abra bem os ouvidos...*²⁴; a presença de atores portugueses na teleficção seriada brasileira comentada por um brasileiro:

Bom, creio que deve haver maior intercâmbio entre esses dois países que se dizem irmãos. Afinal, nossas novelas são sempre exibidas em Portugal e nossas músicas (inclusive aquelas que, no meu ponto de vista, agridem os ouvidos) também são bastante executadas por lá, mas o inverso não ocorre na mesma proporção, tanto no que diz respeito a novelas, filmes e outras produções de TV quanto no tocante à indústria fonográfica. Por isso, vejo como positiva a presença de atores portugueses em nossas novelas. Aqui no Brasil, infelizmente, pouco se sabe do que acontece na terrinha e, num mundo cada vez mais globalizado, torna-se interessante estabelecer um contato mais intenso com nossos patrícios.²⁵

Também pretendemos fazer explorações metodológicas em *weblogs* mantidos por brasileiros residentes em Portugal, como é o caso do *Alhures.org*²⁶. Numa das postagens, intitulada *Um dia da colônia, outro do colonizado*, o internauta traça um breve histórico da telenovela brasileira em Portugal: *Há 508 anos chegava ao Brasil Pedro Álvares Cabral. Há 33 anos, cruzando o mesmo Atlântico, Sônia chegava a Portugal. Ou melhor, Gabriela (...) primeira telenovela brasileira a ser transmitida em televisores lusitanos*. O autor da postagem caracteriza a trama como um mega-sucesso – *o primeiro de outros que estariam por vir* – e discorre sobre a relação dos portugueses com as telenovelas brasileiras: *O que me era desconhecido, porém, é que um dos meus colegas de residência se mostraria uma enciclopédia viva de cultura televisiva brasileira*, referindo-se a um estudante lusitano.

É, meu caro brazuca. Você mesmo, a ler esse post. Eu também me surpreendi. A conversa, que por motivos de espaço e pela possível preguiça de sua parte será encurtada, seguiu muito mais adiante. *Sassaricando, Vamp (VAMP!!!), A Indomada, o Cadeirudo...* quase todos os personagens de nosso folclore contemporâneo foram ressuscitados em algumas horas de conversa. Sim, Monteiro Lobato, o Sr. tem razão para sua inveja agora. O fato é que, de uma certa forma, somos nós, os colonizados, que agora os colonizam. Todos os dias, tal qual no Brasil, as três principais novelas da Globo são transmitidas pelo canal SIC. Até a Record já exporta as suas porcarias.²⁷

²¹ <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=204940>

²² <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=57286>

²³ <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=281058>

²⁴ <http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=427149&tid=5200795904827928801&kw=novelas&na=3&nst=31&nid=427149-5200795904827928801-5201505841312297783>

²⁵ <http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=427149&tid=5200795904827928801&kw=novelas&na=3&nst=31&nid=427149-5200795904827928801-5201505841312297783>

²⁶ Segundo definição encontrada na página inicial, *o alhures.org é um blog mantido por brasileiros em outro lugar, outra parte do mundo*. <http://alhures.org>

²⁷ <http://alhures.org/2008/04/24/um-dia-da-colonia-outro-do-colonizado/>



Após perpassar por outros produtos audiovisuais nacionais, como o popular *Tapa na Pantera*, veiculado no You Tube, e o sucesso do cinema nacional *Tropa de Elite*, o internauta encerra o texto da seguinte forma²⁸: *Para os que fizeram pouco caso da minha vinda a Portugal dizendo coisas do tipo “mas para que você vai para lá. Nem um outro idioma você vai aprender”, para eles respondo: aprendo aqui mais coisas sobre mim do que em São Paulo. Agora deixe-me ir, pois “Duas Caras” está a começar.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict (1983). *Imagined communities: Reflexions on the origins and spread of nationalism*. London, Verso.
- APPADURAI, Arjun (1990). Disjuncture and difference in the global culture economy. In FEATHERSTONE, Michael (l. *Global culture*. London: Sage.
- APPADURAI, Arjun (1997). *Modernity at large. Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press/Open University Press.
- BAUMAN, Zygmunt (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BHABHA, Homi (1990). (Ed.) *Nation and narration*. London: Routledge.
- BHABHA, Homi (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed.UFMG.
- ELKINS, David J.(1997). Globalization, telecommunications and virtual ethnic communities. *International Political Science Review*, vol.18, n.2.
- GELLNER, Ernest (1983). *Nations and nationalism*. Oxford UK & CambridgeUSA: Blackwell.
- HALL, Stuart. e du GAY, Paul (1996). *Questions of cultural identity*. London: Sage.
- HINE, Christine (2004). *Etnografía virtual*. Barcelona: Editorial UOC.
- HINE, Christine (2005). Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge. In: HINE, C. (Ed.). *Virtual methods. Issues in social research on the internet*. Oxford: Berg.
- IANNI, Octavio (1994). Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais. *Revista Estudos Avançados USP*, n.45
- LÉVY, Pierre (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- LÉVY, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo et al.(2002). *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo (2003). A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Revista Comunicação & Educação*, 25. São Paulo, jan/abr.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo (2004). Para uma revisão das identidades culturais em tempos de globalização. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo (Org.). *Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola
- MOUFFE, Chantal (1994). For a politics of nomadic identity. In ROBERTSON, G. et al. (eds.), *Travellers' tales: narratives of home and displacement*. New York: Routledge.
- NEWCOMB, Horace (1999). *La televisione da forum a biblioteca*. Milano: Sansoni.
- OBITEL 2007. *Culturas y mercados de la ficción TV en Iberoamérica*. Barcelona: Gedisa.

²⁸ <http://alhures.org/2008/04/24/um-dia-da-colonia-outro-do-colonizado/>



- OBITEL 2008. *Mercados globais, histórias nacionais*. São Paulo: Globo.
- PAPADAKIS, Maria C (2004). *Computer-mediated communities: A bibliography on information, communication, and computational technologies and communities of place*. SRI International.
- RHEINGOLD, Howard. *Virtual communities*. <http://www.well.com/user/hlr/vcbookintro.html>
- SCHNEIDER, S. FOOT, K (2005). Web sphere analysis: An approach to studying online action. In: HINE, C. (Ed.). *Virtual methods. Issues in social research on the internet*. Oxford: Berg.
- SMITH, Anthony (1999) *Nações e nacionalismo numa era global*. Oeiras: Celta Editora.
- STRAUBHAAR, Joseph (2004). As divisões internacionais da televisão brasileira. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo (Org.). *Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola.
- STRAUBHAAR, Joseph (2007a). Caminhos locais para a televisão. Entrevista concedida a Edgard Rebouças. Intercom – *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 30, n. 2, jul./dez. 2007.
- STRAUBHAAR, Joseph (2007). *World television: from global to local*. Thousand Oaks (CA – USA): Sage.